

## OS ERROS ORTOGRÁFICOS INFLUENCIADOS PELA LINGUAGEM ORAL NOS ANOS INICIAIS DE ENSINO

Ana Beatriz de Aquino<sup>1</sup>

Luciene de Oliveira Rodrigues<sup>2</sup>

Nayara Alcantara<sup>3</sup>

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo mostrar a influência da linguagem oral na aquisição de linguagem escrita nos anos iniciais do ensino básico. O estudo foi feito a partir da análise de dados de alunos da 2<sup>o</sup> série do ensino fundamental. A pesquisa qualitativa exemplificou como a oralidade influencia a aquisição de escrita ortográfica dos estudantes que estão sendo alfabetizados, na qual observou-se o processo de segmentação, a troca de letras e a junção/separação de palavras que não ocorreria esses mecanismos. Notou-se que grande parte dos erros cometidos pelas crianças se dá por uma tentativa de representar a oralidade e sua prosódia.

**Palavras-chave:** Linguagem escrita. Criança. Reprodução dos sons. Segmentação.

## TYPOGRAPHICAL ERRORS INFLUENCED BY ORAL LANGUAGE IN THE EARLY TEACHING YEARS

### Abstract

This article aims to show the influence of oral language on written language acquisition in the early years of basic education. The study was carried out based on the analysis of data from students in the 2nd grade of elementary school. The qualitative research exemplified how orality influences the acquisition of spelling writing of students who are being literate, where the segmentation process, the exchange of letters and the joining/separation of words where these mechanisms would not occur were observed. It was noted that most of the mistakes made by children are due to an attempt to represent orality and its prosody.

**Keywords:** Written language. Child. Reproduction of sounds. Segmentation.

---

<sup>1</sup>Graduanda em Letras pelo UGB/FERP.

<sup>2</sup>Graduanda em Letras pelo UGB/FERP.

<sup>3</sup> Mestranda em Ensino pelo Centro Universitário de Volta Redonda. Especialista em língua portuguesa, gestão e docência escolar e gestão e docência em Ensino Superior pelo UGB/FERP.

## **Introdução**

Devido a necessidade de analisar os motivos de “erros” ortográficos, a proposta que assumimos neste trabalho está ligada a investigação sobre a fase da aquisição da linguagem escrita em alunos nos anos iniciais do ensino fundamental, momento conflitante, onde na maioria dos casos é refletido na ação da representação gráfica, tudo aquilo que absorveu da linguagem oral através de sons trocados, prolongados, encurtados ou até mesmo retirados como em: trocar letras (caza, olio, muito, ispelio), unir palavras (vovisitar, dimanha), separar palavras (mara vilha), prolongar outras (ojii, oiio), acrescentar ou diminuir letras (isicola, osipitao, Cê vai?) entre outros. spelho/ muito-muito, taxi/taksi, Oiiii!, Cê vai?...). Não há identidade perfeita entre fonemas, pois fonemas semelhantes podem ser representados por grafemas diferentes. O acordo ortográfico define regras gerais para a escrita da língua, mas o mesmo não se aplica a linguagem oral, a pronúncia e o dialeto, pois está associada a fatores históricos e culturais. O artigo está fundamentado através de pesquisas bibliográficas baseadas também em exemplos coletados e analisados por pesquisadores linguistas.

Esse trabalho é de fundamental importância para que professores desenvolvam um olhar novo para a questão, buscando de forma consciente e baseada em informações, criar metodologias que possibilite vencer esses percalços sem criar constrangimentos ou situações de limitação no desenvolvimento da aprendizagem e emprego em futuras situações. É preciso que a criança entenda o fato ocorrido e, principalmente, o porquê de existir uma regra ortográfica na qual todos devem seguir. Descobrir a importância dessas regras despertará um novo olhar mediante a sua aplicação e seu uso na comunicação.

O método aqui utilizado para comprovar a premissa de que o aluno em seu momento de aquisição da escrita tende a reproduzir no papel as referências dos sons até então assimilados e gravados pela audição, será através de pesquisas bibliográficas baseadas em exemplos coletados e analisados por pesquisadores linguistas, relativas ao tema em questão, fazendo uso de alguns textos de crianças nessa fase inicial e onde ainda não foram submetidas aos conhecimentos de regras.

A análise desses textos utilizados logo a seguir, foram fundamentados sobre a perspectiva e estudos de Abaurre (1991, p.205), em que afirma serem textos espontâneos. Ainda na opinião da autora, tais textos são "unidades de análise privilegiadas, que permitem ao pesquisador observar alguns indícios preciosos dos processos que subjazem à aquisição da representação escrita da linguagem" (ABAURRE, 1991, p. 206).

Os exemplos aqui apresentados foram retirados de textos produzidos por alunos da 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande (PB), em 2003. O contexto de produção desses textos envolveu uma solicitação da professora para que os alunos escrevessem sobre quaisquer assuntos, ou seja, escrevessem espontaneamente dentro de uma temática livre.

### **O processo de comunicação**

A comunicação é algo indispensável para o convívio e desenvolvimento das pessoas, da comunidade, da sociedade, da economia e tudo que dela é dependente. Dado a importância da comunicação tornou-se necessário o surgimento de uma linguagem oral comum a todos, que, por conseguinte, também passou por necessidades de aprimoramentos criando um sistema de codificação com o objetivo de ser empregado na forma escrita possibilitando fazer registros da fala e do pensamento, e com isso dando oportunidades de acesso a todos a qualquer momento. A esse sistema de codificação foram empregadas regras para que pudessem orientar as etapas de produção textual por aqueles que desejassem ou necessitassem fazer uso desse recurso, assim, mediante a um conhecimento prévio de regras, facilitaria seu uso no processo comunicativo.

## **Aquisição de linguagem oral**

Toda criança passa pelo processo de aprender falar e, mesmo não tendo conhecimento de regras gramaticais, conseguem formar frases seguindo o sistema SVO (sujeito, verbo e objeto, e até adjuntos), tudo isso graças a uma gramática internalizada, inata. Ela absorve tudo o que vem do meio em que a circunda, ou seja, seus familiares, a sociedade, e depois o recinto escolar onde se depara com “o certo e o errado” e toda aquela gama de informações e regras até então desnecessárias ao seu sistema de comunicação e, por inúmeras vezes muito confusas e sem explicações convincentes, como podemos observar ao exemplificar o uso de “S” no lugar do som de “Z” encontrados na palavra “casa”; o som do “z” onde usa-se a letra “s”, como na palavra “caso”; você ouve e fala “ispelho” e tem que escrever “espelho”. Quanta confusão!

## **Processo de aquisição de linguagem escrita no ensino fundamental**

Bem, esse fato vem de encontro com uma realidade da maioria das crianças ao começarem a escrever, pois elas irão representar de forma gráfica aqueles sons que até então foram absorvidos, por muito tempo, em seu meio de convivência porque as exigências ortográficas cobradas na linguagem escrita não são as mesmas na linguagem oral, e isso acaba por criar um impasse na hora de uma criança passar para a escrita aquilo que está acostumada ouvir. Crianças descendentes de famílias mais humildes cujos pais não foram escolarizados ou receberam uma educação escolar menos enriquecedora são mais sucessíveis a esse conflito. Abaurre (1991) afirma que os critérios que regulam a cadeia fônica não são os mesmos empregados para a segmentação da escrita, tornando assim, de fundamental importância observar também os critérios prosódicos, sintáticos e semânticos. E, para resolver essa dificuldade, as crianças “começam muito cedo a elaborar, embora inconscientemente, algum conceito de palavra da língua” (Id. Ibid.,

p. 204). Acrescenta ainda que o grau de percepção variará, dependendo de fatores como a idade e condição socioeconômica.

O que despertou interesse por esse assunto foi a observação de palavras escritas imitando os sons, que geralmente são empregadas pela maioria das pessoas em processo de comunicação oral, e que se deve levar em conta que fatores como classe social, cultura, formação educacional, dentre outros, acaba por interferir nesse processo. Mediante a esse fato surgiu o interesse de buscar respostas através de pesquisas bibliográficas.

Dentre importantes estudiosos sobre o início do processo da aquisição da linguagem escrita de crianças em seus anos iniciais do ensino fundamental podemos destacar: Nunes (2006, p.97) que nos traz a informação de que a criança reproduz na escrita o som que ela ouve e Figueira (1995, p.147), afirma que “em determinado momento da aquisição de uma língua, a criança produz formas ou estruturas desviantes.” Já para Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997) [...] durante um longo período, os estudos e práticas pedagógicas ignoraram o fato de que os ‘erros’ cometidos pelos aprendizes de escrita/leitura eram, na verdade, preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem, registros dos momentos em que a criança torna evidente a manipulação que faz da própria linguagem, história da relação que com ela (re)constrói ao começar a escrever/ler (1997, p.16-17). Para (VYGOTSKY, 2005), “partindo da relação entre oralidade e escrita, sem ignorar que o desenvolvimento de ambas é diferente, a escrita exige por parte da criança um nível maior de abstração.” Temos também Cagliari (2002, 1998), Capristano (2004), Corrêa (2004), Cunha (2004), Ferreiro e Teberosky (1999), Silva (1994).

## Análise

Exemplo 1: O natal é muito bom porque é animado Eu vovijaja para casa do netio poce é animado na casa do **meu titio**. (João, 12 anos)

Exemplo 2: Eumichamo Fernando Eu **oje** dimanha **Oiji** foi muito bom pra mim **oji** di manha eu **ogen** eu joguei bola e depois levei u almoço. (Fernando, 10 anos)

Nos exemplos 1 e 2, podemos observar que as crianças mesmo sem conhecimentos de regras sintáticas e semânticas, conseguem formar frases, o que já foi exposto no início do texto em relação a gramática internalizada. Ela consegue seguir o sistema básico SVO sem informações prévias sobre o assunto, lógico que de forma rudimentar e, além disso, podemos também constatar que as informações das quais nos são necessárias para o levantamento em questão sobre as origens das “ditas palavras escritas de forma errada”, encontram-se presentes provando que a criança representa na escrita os sons que estão acostumadas ouvir. Como a fala é linear, não as permitindo perceber que ali tem uma pausa, um espaço, há uma grande tendência em unir um vocábulo ao outro por acharem que se trata de apenas um, como podemos perceber em: “voviaja”, “Eumichamo”, “dimanha”. Outro fato é: como os adultos, na sua linguagem oral, tendem a eliminar o “r” do infinitivo e falar de forma rápida, como no exemplo “por ser” do texto apresentado acima, o que deveria ser uma separação acaba se tornando uma junção, é a relação de associação do som “C” para produzir a sílaba “ce”, faz com que troquem o “se” por “ce”, “s” por “c” e assim, “por ser” acaba sendo escrito “poce”. Como o som do “H” é mudo, palavras que o exigem, com certeza serão grafadas com sua ausência, como no exemplo acima “oje”, que por sinal não foi grafada como “oge” porque o som que as crianças têm como referência do “j” e “g”, não as permitem escrever “oji” com “g” pois assimilam a palavra seguindo a ordem sonora de “ga, ge, gi, go, gu”, “ja, je, ji, jo, ju” e esse processo é reafirmado no vocábulo “jogei” onde não foi grafado com “j” e sim com “g” devido ao som que esse vocábulo apresenta. Outro representante bem característico em relação ao processo de levar para a forma escrita aquilo que ouve, está no exemplo “Oiii”, onde a criança tão perceptível do que ouve, reproduz até mesmo os traços sonoros em suas prolongações. Também podemos encontrar, nos exemplos acima, “leveí u almoço” a frequente troca do “o” por “u”, que tantos de nos adultos cometemos em nossas falas. Curiosamente, a

palavra “almoço” veio grafada de forma correta, não ouve ali uma troca do “l” por “u”, nem “ç” por “s”, deixando claro que cada criança é um ser único em seu universo cognitivo, necessitando, portanto, receber atenção de forma dirigida a cada caso. E não menos importante, fazer isso de forma que não se sintam constrangidas, despertando curiosidades e busca por entender o motivo de uma regra ortográfica. Além desses fatos ligados a fonologia e fonética, há outros encontrados como: letras minúsculas no lugar de maiúsculas como em “natal” e “Eu”, mas esses fatos aqui representados não são de relevância para esse estudo.

Podemos destacar também os chamados processos de segmentação, que é o fato de que a criança, ora une uma palavra a outra como em: voviajar, eumichamo, e dimanha (hiposegmentação); ora insere espaço dentro da grafia da palavra como em: mara vilha, é lá em vez de ela (hiperseguimentação).

Como a fala é formada por uma cadeia de sons e a forma de pronuncia é inerente de cada um, seja individual ou social, o fato de se falar de pressa ou reduzir a palavra, como por exemplo em “cê”, no lugar de você, voviajar em vez de vou viajar, ou viajarei; acaba por conduzir a criança a cometer segmentações não convencionais na escrita.

Mediante a esses fatos podemos contar com análises de Silva e Koch, dentre outros. Silva (1994) verificou “dois tipos comuns de ocorrências: segmentação para mais e segmentação para menos no que se refere à ortografia”. O primeiro tipo, constituído por “separações além da prevista pela ortografia”, o autor denominou de hipersegmentação; o segundo tipo, “constituído por junções de duas ou mais palavras”, denominou de hipossegmentação. Para o autor, quando a criança toma decisões sobre segmentação no seu texto espontâneo, mostra sua percepção ora de aspectos constitutivos do discurso oral, ora de aspectos que caracterizam a escrita. Já Koch (1997) caracteriza as diferentes segmentações realizadas pela criança como um problema resultante da interferência do modelo de texto falado reproduzido na sua escrita. Partindo desse pressuposto, a autora estabelece aquilo que considera serem as diferenças entre o modelo de texto escrito e o modelo de texto oral. Nesse contexto, examina o que considera serem as principais interferências do modelo oral no escrito, dentre elas o “problema” de segmentação

gráfica. As ocorrências de segmentação para menos (hipossegmentação) resultariam do que a criança apreende por vocábulo fonológico, ao passo que as ocorrências de segmentação para mais (hipersegmentação) corresponderiam às tentativas da criança de efetuar uma segmentação gráfica adequada, mas que acabaria, por vezes, “caindo no extremo oposto, ou seja, ‘picando’ demais as palavras” (KOCH, 1997, p.37).

Ainda com base em dados, e fazendo uso de textos coletados em pesquisas bibliográficas, através dos exemplos abaixo de números 3, 4 e 5, podemos observar a presença das seguintes segmentações: hiposegmentação e hipersegmentação.

Exemplo 3: Era uma veis uma menina que não gostava di estuda um dia ela foi uma Escola para bosca asua irma Ela gostou da Escola ipedi asua mai para estuda isua mai botou ela na Escola Ela ficou uma menina muito estudati. (Kátia, 10).

Podemos encontrar no exemplo 3 as seguintes segmentações: asua, ipedi, isua, onde uma das explicações para esse fato além da fala ser linear, é o fato de acharem que não existem palavras de uma letra só e por isso unem o “i a sua = isua”, e “a sua = asua”.

Exemplo 4: o natal eu vou passa aqui com asminhas colega e emano vai ter uma festa muito boa (Aparecida, 9) - (Hiposegmentação)

Exemplo 5: a miaferias foibua eu pasiei namiaferias fomutobo eu brinceimuto pasiei na praia o Natal vaicemoto bonito (Julianderson, 12) - (Hiposegmentação)

Exemplo 6: A tia é bo ni ta a tia é mu to bo ni ta a casa é bo ni ta. (Carla, 9) - (Hipersegmentação)

Ressaltando que além dos exemplos de segmentações acima, também podemos encontrar outros aqui já comentados. Outro recurso também utilizado nesse processo de investigação da escrita na fase inicial é o ditado que pode auxiliar na verificação, identificação e classificação dos erros ortográficos que uma criança apresenta nesse momento escolar.



## Considerações finais

Diante dos fatos apresentados através de pesquisas bibliográficas, chegamos à conclusão de que realmente a escrita das crianças, em seu processo inicial de aprendizagem, sofre interferência da fala, e que devemos entender que cada ser é único e traz consigo traços da linguagem oral em que o cerca. Esta pesquisa vem ao encontro da necessidade de uma mudança de postura do alfabetizador, que partindo das informações aqui relacionadas, poderá se policiar em seus atos de fala e ação mediante aos supostos “erros”, tomando atitudes cabíveis e necessárias para enfrentar os desafios com serenidade, paciência, discernimento e sabedoria para lidar com o assunto sem constranger o aluno, além de explicá-lo de forma convincente e incentivá-lo a estar buscando entender cada vez mais que as regras ortográficas têm a função de melhorar o meio de comunicação a todos.

## Referências

CARDOSO, Helen Rodrigues; SUTIL, Cassiane Garcez Flores. **A construção da ortografia durante o processo de alfabetização**. Professare. Santa Catarina: v.3, n.2, p. 53-75, 2014.

CUNHA, Ana Paula Nobre da; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Segmentações não convencionais da escrita inicial: convergências do processo em diferentes línguas. **Revista ReVEL**. v.17, n.33, 2019.

MACHADO, Tatiane Henrique Sousa. Aquisição da escrita e o processo da alfabetização e letramento nos estudos linguísticos e educacionais. **Revista Akrópolis**. Paraná: v. 23, n. 1, p. 3-14, jan./jun. 2015.

PEREIRA, Tânia Maria Augusto. A segmentação no processo de aquisição da linguagem escrita. **Revista Veredas**. Minas Gerais: v. 15, n. 1, 2011.